



CDD: 305.23

---

## PRODUÇÃO DE IMAGENS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UMA OFICINA COM JOVENS NA ESCOLA

---

### *IMAGE PRODUCTION AND CONSTRUCTION OF MEANINGS: A WORKSHOP WITH YOUNG PEOPLE IN SCHOOL*

---

*Luciana Gageiro Coutinho<sup>1</sup>  
Lucia de Mello e Souza Lehmann<sup>2</sup>*

#### **Resumo**

Este trabalho discute o processo de subjetivação dos jovens e as novas formas de produção de conhecimento. Analisa a criação e o desenvolvimento de uma oficina com alunos em uma escola pública da cidade de Niterói-Rio de Janeiro. A imagem (fotografia, fanzine, *fotolog*, etc.) é utilizada na oficina como estratégia de comunicação para criar um espaço de reflexão e construção de sentido com os estudantes. Utiliza o método da pesquisa-intervenção para construir um conhecimento com os jovens sobre sua relação com a escola hoje. O trabalho foi desenvolvido na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense e contou com o apoio da FAPERJ e do CNPq, através de bolsas de iniciação científica.

**Palavras-chave:** Jovens. Escola. Subjetividade.

#### **Abstract**

*This paper discusses the subjectivity process of young people and new forms of knowledge production. Examines the creation and the development of a workshop, with students, in a public school in the city of Niteroi, Rio de Janeiro. The image (picture, fanzine, fotolog, etc.) is used, in the workshop, as a strategy of communication to create a space for reflection and construction of meaning with students. Uses research and intervention to build knowledge about their relationship with school today. This work was developed at Universidade Federal Fluminense - Faculdade de Educação and has support from FAPERJ and CNPq through grants for scientific initiation.*

**Keywords:** Young people. School. Subjective.

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia. Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. E-mail: [luggageiro@uol.com.br](mailto:luggageiro@uol.com.br) – Niterói, RJ, Brasil.

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia. Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. E-mail: [lulehmann@terra.com.br](mailto:lulehmann@terra.com.br) - Niterói, RJ, Brasil.

**Recebido em:** 19/05/2011 / **Aprovado em:** 22/05/2012.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de estudos realizados na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense sobre a relação do jovem com a escola hoje, diante das novas formas e espaços de produção de saber. Partimos do pressuposto de que a instituição escolar constitui um lugar de transmissão e renovação cultural, com incidência fundamental sobre a subjetividade jovem, para propor uma reflexão sobre as possibilidades e os entraves da inclusão social dos jovens via escola.

Muito se tem falado sobre os problemas na relação do jovem com a escola. Do lado dos jovens, fala-se no descrédito na instituição escolar enquanto um espaço de formação para a vida adulta e na ausência de expectativas e de sentidos ligados à relação com o saber e com os professores, responsáveis por sua transmissão. Do lado dos professores, prevalece a queixa relativa às dificuldades na relação com os jovens, ao lado do sentimento de impotência no que diz respeito à mudança desse panorama. Assim, embora a escola demonstre ser um lugar de possibilidades e também de grandes desafios para a juventude que a frequenta, seus sistemas e métodos parecem ficar longe dos interesses e das demandas dos jovens.

Como desvendar e estreitar essas lacunas para chegar até os jovens, compreender suas necessidades e demandas? Que possibilidades e caminhos nos permitem uma aproximação em relação a esses jovens?

O projeto *Imagem e Ação* surge em busca de estratégias para nos aproximar dos jovens, congregando atividades de pesquisa e extensão realizadas ao longo de um ano e meio numa escola da rede estadual do Rio de Janeiro. A ideia que norteia o projeto é oferecer espaços e atividades próximas aos interesses dos jovens, o que nos faz pensar na imagem como recurso para sensibilização e comunicação com eles. A escolha desta estratégia se baseia no enorme poder de mobilização que as imagens têm na sociedade atual, complexa e múltipla, onde domina uma cultura eminentemente visual. Estamos-nos referindo aqui à imagem em um sentido amplo, que envolve aquilo que é objeto do olhar, seja diretamente ou indiretamente, através da elaboração mental do que é percebido pela visão ou mesmo através de um recurso tecnológico. Além disso, estamos falando de um país, o Brasil, e mais especificamente do segmento jovem brasileiro, em que a corporeidade – e, portanto, também a imagem corporal – é um instrumento de comunicação, visibilidade, percepção do outro e de si próprio, que é reconhecido e valorizado socialmente.

## O JOVEM E A ESCOLA HOJE: ENCONTROS E DESENCONTROS

No cenário brasileiro, a escolarização dos jovens ainda é recente e marcada por inúmeras nuances e ambiguidades. Os dados e a análise do Censo Escolar 2011, publicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) em 2012, afirmam que historicamente o sistema educacional brasileiro foi pouco eficiente em sua capacidade de produzir aprovados e concluintes na idade correta; ao mesmo tempo, mostram aumento no número de alunos que conseguem ultrapassar os anos iniciais do Ensino Fundamental. Esta dinâmica se faz presente nos jovens com os quais trabalhamos em nossa pesquisa e dos quais falamos neste texto.

Embora os jovens considerem que a escola não corresponde aos anseios de crescimento intelectual e até mesmo emocional que nela ainda depositam, não deixam de apontá-la como uma referência importante na construção de seus projetos profissionais, nem de identificá-la como uma instituição na qual podem confiar e à qual podem recorrer, em caso de necessidade. Como observa Novaes (2003), apesar da notável aspiração pela escolaridade, a escola não é mais vista pelos jovens como meio de acesso a um emprego. A escola é, para eles, muito mais um espaço de exercício da sociabilidade, e, segundo eles, somente por esse motivo, deve fazer falta para aqueles que param de frequentá-la. Os jovens do estado do Rio de Janeiro revelam um laço paradoxal com a escola, que não é citada como uma instituição de referência importante na definição dos seus projetos de vida futura, como a construção da família e o trabalho. Apesar disso, alguns desses mesmos jovens revelam ideais profissionais ligados a carreiras universitárias, tais como as de psicólogo, médico, advogado etc. (CASTRO et al., 2005). Em todo caso, de maneira geral, a escola é referida pelos jovens como fonte de problemas, seja pelas dificuldades em cumprir as exigências feitas por ela, seja pela precariedade do funcionamento da instituição, prevalecendo uma falta de sentido na experiência escolar.

Na percepção de Amaral (2006), isso se deve ao fato de haver um verdadeiro “divórcio” entre a racionalidade presente no modelo escolar instituído pela Modernidade e o universo cultural dos jovens. Parece que, nesse modelo de escola, não há muito espaço para a interlocução e o acolhimento do campo semântico em que os jovens se encontram. Em *Retratos da juventude brasileira* (ABRAMO; BRANCO, 2005), 58% dos jovens respondem que a escola não os entende.

Dubet (SPOSITO; PERALVA, 1997) defende a ideia de que existe uma

desinstitucionalização da juventude no mundo atual, uma vez que as principais agências socializadoras instituídas na Modernidade, escola e família, perdem seu lugar de referência diante das rápidas transformações pelas quais passamos na cultura contemporânea. Dubet fala em uma espécie de “guerra fria” entre os adolescentes e a escola hoje e faz menção à presença de uma tensão constante na relação entre ambos, mesmo que tal situação não resulte em um confronto explícito ou em uma “guerra declarada”. Atribui tal situação, em grande parte, à crise contratual contemporânea, que acomete as instituições sociais e não deixa de fora a escola, onde não mais operam certos pactos que poderiam selar os direitos e os deveres de alunos e professores, e, assim, servir de reguladores para as relações sociais na escola. Com isso, chama a atenção também para o afrouxamento do sentimento de pertinência e do compromisso com a escola, tanto por parte dos alunos quanto por parte dos professores.

Essas relações de impasse do jovem com a escola e, por que não dizer, da escola com o jovem, sobretudo na adolescência, trazem para os educadores um desafio que exige, acima de tudo, a compreensão de quem é esse sujeito do qual se está falando. Em psicanálise, podemos pensar a adolescência como um momento em que um intenso trabalho psíquico é exigido do jovem em nossa cultura, ao distanciar-se das referências familiares e buscar novas referências (ideais) no mundo público para seu desejo (COUTINHO, 2009a). A escola participa, então, desse trabalho como espaço público privilegiado na vida dos jovens, já que é, em grande parte, por meio dela que eles entram em contato com o mundo social e cultural.

Vale lembrar aqui que na psicanálise o sujeito se constitui a partir de um investimento pulsional e de um sentido prévios ao seu nascimento, que são depositados pelo Outro sobre ele e aos quais ele deve responder para nascer. A ideia de transmissão em educação caminha na mesma direção desse processo inaugural do nascimento do sujeito, do qual participa sempre um Outro-educador. A educação comporta, assim, um movimento duplo: o encontro do sujeito com a cultura que o antecede e o processo de apropriar-se dela para encontrar nela um lugar singular para si. É nesse sentido que Freud interpreta a frase de Goethe: “Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu” (*apud* FREUD, 1974a, p. 188).

Uma das maneiras de pensar sobre isso é pela via dos ideais da cultura que servem de referência para os sujeitos que nela se constituem, por se situarem na interface entre o individual e o social (FREUD, 1976). Um ideal pode ser, ao mesmo tempo, o ideal de um grupo, de uma cultura e um ideal individual. Na difícil travessia adolescente de uma

subjetividade fundada nas referências familiares para um referenciar-se no mundo público, através da eleição de novos ideais do eu para si, a educação escolar tem tido pouca participação. Hoje, diferentemente do que testemunhou Freud em seu depoimento sobre sua vida de escolar (FREUD, 1974b), a escola e a educação não ocupam mais o mesmo lugar no plano dos ideais culturais sustentados socialmente, de modo que os adolescentes não encontram mais nela um ponto de ancoragem e referência para os seus desejos (COUTINHO, 2009b). Diante disso, o laço do jovem à escola permanece e é culturalmente reforçado, mas qual a natureza desse laço?

Parece-nos que os jovens revelam quase sempre uma relação ambígua, paradoxal com a escola: a escola é importante, mas não é; na escola podem encontrar alguma coisa valiosa para eles, mas a qualquer momento podem sair ou ter sua atenção desviada das atividades escolares. Por outro lado, “a escola parece conceber o jovem como desprovido de possibilidades, desconsiderando o que tem a oferecer de seu saber, de seu olhar, de seu afeto intenso e vivo” (LEHMANN; MEDEIROS; PINHEIRO, 2007, p. 101) e aponta para uma promessa futura que não se coaduna com a falta de sentido no presente. Nosso trabalho e nossa pesquisa visaram incidir justamente sobre esta complexa e delicada relação do jovem com a escola.

## **A IMAGEM, A TECNOLOGIA E A ESCOLA**

A proposta de trabalhar com a imagem teve como uma das razões principais o fato de que as imagens despertam emoção e promovem reações, sobretudo quando se trata dos jovens. Tomamos como referência pelo menos dois âmbitos da questão: a imagem como forma de autorreconhecimento, importante para os sujeitos e especialmente para o jovem; a imagem como recurso de expressão e comunicação no contemporâneo, produzida com o uso de tecnologia. Estamos nos referindo tanto à imagem-visão, que remete à percepção sensorial da realidade, quanto à imagem-pensamento ou imagem como expressão de nossa subjetividade (COSTA, 2005), que, neste caso, também está vinculada à imagem que o jovem faz de si.

Tradicionalmente, a linguagem visual foi pouco valorizada pela escola em relação à escrita, considerada mais precisa e racional. Desde as formas mais tradicionais – desenhos e pinturas – às imagens técnicas, que passam a fazer parte de nossa realidade, elas estão presentes em suportes cada vez mais criativos, como as telas do cinema, a televisão, o

computador, os celulares – enfim, aparatos cada vez com mais recursos, que permitem interações através de diferentes linguagens e suportes.

Contudo, trabalhar com as tecnologias hoje na escola nos coloca frente a alguns paradoxos: por um lado, temos o desejo e a capacidade dos jovens de incluir-se na utilização das tecnologias; por outro, nos deparamos com inúmeros impasses econômicos, falta de infraestrutura e material. Muitas escolas recebem material e aparelhos, mas não dispõem de pessoal técnico preparado para instalação e manutenção. Repete-se um ciclo que evidencia os grandes recursos demandados para a introdução das tecnologias no campo educacional; uma pressão para a obtenção de resultados imediatos; e, ainda, posições diferentes entre as escolas e os responsáveis pelos projetos de financiamentos e políticas que, segundo Pretto (2001), dirigem a escola “de fora e de cima”. Soma-se a isso, ainda, a posição de alguns educadores que se mostram contrários à entrada das tecnologias nas escolas. Por outro lado, espera-se da escola mais do que ensinar aos alunos o conteúdo das disciplinas: espera-se uma participação maior na formação dos indivíduos e no apoio às condições de vida que eles enfrentam no contemporâneo, e a utilização das tecnologias e das imagens é uma delas. O saber contido nas imagens veiculadas hoje é algo que se constitui como uma bagagem cultural para o indivíduo. Os mais diversos campos do saber, da produção e da comunicação humana se apoiam na representação imagética, de modo que a possibilidade de trabalhar a imagem com os jovens significa utilizá-la como elemento de informação e sensibilização.

As linguagens, conjuntos de signos visuais, gestuais, verbais e sonoros se organizam a partir de um conjunto de regras que possibilitam a expressão através de técnicas e tecnologias de comunicação. O desenvolvimento do olhar e a prática da observação se tornam pontos de importância. É importante para o jovem tomar consciência do ato de ver, de produzir uma imagem, da complexidade de olhar o mundo. Produzir imagens que se movem ou dar vida a objetos sempre foram desejos do homem, o que se expressa em desenhos, brinquedos, desenhos animados em que animais ganham vida e falam, os quais sempre foram sedutores e desafiantes para o homem.

## A IMAGEM NA FORMAÇÃO E NO RECONHECIMENTO DO EU

A imagem corporal funciona como um importante fator de reconhecimento de si mesmo e de identificação dos jovens com o grupo, proporcionando aos seus elementos sentimento de segurança, quando encontram nela pontos de ancoragem e referência. Ao imprimir ao seu corpo uma imagem emblemática do grupo, esta funciona para o jovem como um símbolo de pertencimento. Significa que o jovem, de alguma forma, quer se aproximar daquele grupo, que o aceita, e também deseja ser aceito por ele, ser visto como integrante, compartilhar seus valores. Na convivência mútua, os jovens acabam por desenvolver formas de participação social através da adesão ao grupo e às leis que regem seu funcionamento como hierarquias e prioridades compartilhadas pelo grupo. Também as imagens e as *performances* marcam um sentimento de identificação e pertencimento através da estetização, da visibilidade (LEHMANN et al., 1998).

As imagens estão vinculadas à versatilidade, à fluidez, a valores dinâmicos e mutáveis, a sentimentos e emoções também em movimento. No caso dos jovens, estes vivenciam um processo de transição, que implica numa série de mudanças físicas pela transformação interna e externa de seu corpo, pela mudança de seu tamanho, pela modificação de seu rosto, de sua voz, fatores que estão relacionados com sua imagem. Envolvidos em mudanças, os jovens buscam outros jovens para que possam legitimar as suas condutas e expectativas em relação a si e aos outros. Estas associações se fazem através de aproximações e trocas, onde o corpo-imagem, como lugar visível, constitui-se em um referencial para reconhecimento.

Sabemos que a imagem de si tem valor definitivo na formação do sujeito. As crianças bem pequenas se mostram capazes de reconhecer sua própria imagem, e esse reconhecimento é considerado um fator importante na formação do eu, um momento de transformação do sujeito, quando identifica e assume a imagem como sua a partir do olhar do Outro. Esta matriz simbólica do eu servirá de modelo para suas experiências subjetivas. O que chamamos “estádio do espelho” projeta na criança a formação do eu e induz ao processo cognitivo pelo qual experimentamos o mundo através de um universo de imagens, a começar pelo próprio eu como imagem de si (eu ideal), que toma como referência o ideal do eu

fundado nos ideais da cultura (LACAN, 1994)<sup>3</sup>. A imagem tem importância no despertar da sensibilidade, da inteligência e da subjetividade (COSTA, 2005). As imagens constituem nossa memória e se transformam numa bagagem de conhecimento, experiência e afetividade. Permitem que compartilhem com os outros nossos conhecimentos e emoções em nossa relação com o mundo.

Uma das técnicas que utilizamos no decorrer do nosso trabalho e que está referida tanto à imagem técnica quanto à autoimagem foi a fotografia. Esta se popularizou e se transformou em parte essencial das relações humanas, tornando-se uma prática de grande interesse dos jovens. A proliferação das imagens fotográficas se intensificou ainda mais entre os jovens quando os telefones celulares se transformaram também em recursos para fazer fotografias e pequenas filmagens. A foto se transformou, para os jovens, não só em entretenimento, mas em estratégia de avaliação de seu próprio eu, através de um olhar sobre sua figura, que ele não pode ver sem o auxílio de um recurso. A fotografia fornece elementos para que o jovem se reconheça como pessoa, como uma unidade observável que existe em si mesma e fora de sua consciência. Através do registro de sua própria imagem, o jovem se vê e também se experimenta inserido no referencial do grupo.

É também através da fotografia que o jovem pode fazer um recorte do mundo que vive e vê. No caso da oficina, trabalhamos com a fotografia do jovem pelo colega e também com fotografias de sua escola, de seu cotidiano. Ao fotografar, o jovem enquadra o seu olhar sobre si mesmo, sua escola, seus colegas, seu mundo, dando prioridade ou não aos diferentes aspectos desse cotidiano escolar. Como tem sido constatado por autores que trabalham com a fotografia em pesquisa-intervenção (MAURENTE, 2010), a produção de imagens fotográficas possibilita um exercício de autoria no âmbito institucional, oferecendo aos sujeitos um contraponto às práticas discursivas hegemônicas que os colocam na posição de objetos. Utilizar-se da imagem, além da palavra, produz uma via de escape que abre caminho para a expressão dos jovens e permite atravessar algumas das barreiras instituídas pela escola. Assim, a produção fotográfica, além de servir como material de análise para a nossa pesquisa, também possibilita ao jovem a reflexão e o exercício de um olhar novo sobre o seu entorno e sobre si.

---

<sup>3</sup> Uma menção ao conceito de ideal do eu em psicanálise já foi feita anteriormente, na página 3.

## AS OFICINAS *IMAGEM E AÇÃO*

No segundo semestre de 2009, iniciamos a realização das oficinas *Imagem e Ação* com jovens estudantes de uma escola pública da rede estadual do Rio de Janeiro, situada na cidade de Niterói. Quando apresentamos a proposta de trabalho para a escola, foi-nos sugerida a atuação com turmas de alunos multirrepetentes participantes de um projeto em parceria da Secretaria de Educação do Estado com a Fundação Roberto Marinho, o projeto *Autonomia*. O trabalho com essas turmas nos interessou, por caracterizar um grupo de alunos com problemas de engajamento no sistema escolar, situação que se relaciona com nossos estudos sobre os impasses presentes na relação entre o jovem e a escola hoje,

“Autonomia” é o título de um samba de Cartola, que, reforçado pelos ideais de Paulo Freire, no livro *Pedagogia da autonomia*, trouxe a inspiração para o *Projeto Autonomia* no Rio de Janeiro. É um programa de Educação baseado nos Telecursos que têm por objetivo escolarizar alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio que estão em distorção idade-série. Com ele, o governo do Rio de Janeiro pretende assegurar a esses alunos a conclusão de sua escolaridade em menor tempo e possibilitar a sua inserção no mundo do trabalho.

O Telecurso é amplo, com disciplinas e programas de TV e livros criados especificamente para o projeto. Esse conjunto de programas de TV e livros, desenvolvido pela Fundação Roberto Marinho e pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), busca auxiliar as pessoas a cursar as disciplinas do Ensino Fundamental e Médio. O projeto é oferecido em algumas escolas, e este é o caso da escola e das turmas com as quais trabalhamos. O Projeto procura atender alunos com idade mínima de 15 anos no Ensino Fundamental da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro. No caso de nossos alunos, encontramos jovens de 14 anos e também um aluno com 21 anos.

A realização das *Oficinas Imagem e Ação* foi baseada na metodologia da pesquisa-intervenção (CASTRO; BESSET, 2008), em que a ação do pesquisador no processo de produção de conhecimento está diretamente ligada a um campo de mudanças que se objetiva ativar nos sujeitos participantes. O pesquisador compreende e explicita a mudança realizada e participa do momento no qual ela se efetua. Isso implica que as relações entre os pesquisadores e os jovens sejam permeáveis entre si, permitindo que os objetivos da pesquisa sejam alcançados com o desenvolvimento do processo.

No caso das oficinas realizadas no projeto em questão, estivemos sempre atentos para intervir, questionar e interpretar em momentos oportunos, preservando a relação com os jovens, fundamental para a realização do trabalho. As atividades foram desenvolvidas em cada encontro das oficinas e construídas à medida que o processo se efetuava. Melhor dizendo, trabalhamos com um projeto inicial, e algumas alternativas foram ratificadas e corrigidas no decorrer das oficinas. Assim, cada encontro com o grupo foi analisado pelas pesquisadoras, de forma a definir a atividade do encontro seguinte. As transformações foram feitas levando em conta a receptividade do grupo e as dificuldades encontradas na realização do trabalho. Dificuldades estas que podem surgir intragrupo, em função da própria dinâmica das oficinas realizadas ou em virtude das inúmeras interferências da instituição onde o trabalho ocorreu, como se deu inúmeras vezes durante as oficinas.

A realização do trabalho de pesquisa-intervenção dentro da escola teve também como coadjuvantes elementos que não estavam diretamente sob o controle dos pesquisadores. Por exemplo, a possibilidade da participação voluntária dos alunos contida na proposta das oficinas encontrou grandes impedimentos, ao ser colocada em prática dentro da escola. Na medida em que nosso trabalho se realizou em um tempo incluído na grade horária da turma, toda a turma deveria ficar incluída na atividade. A professora afirmava que não era cabível trabalhar só com uma parte da turma, já que o conteúdo da disciplina deveria ser passado a todos. De modo similar, fomos, de vez em quando, surpreendidos por mudanças de professores, falta de acesso à sala para trabalhar com a turma, etc.

Dito isso, buscamos aqui oferecer um espaço de reflexão e de investigação sobre os entraves na relação do jovem com a escola hoje, mediante a exploração do trabalho com imagem, fotografia, produção de um fanzine, de um *fotolog*, etc. Dentre as diversas atividades programadas para as oficinas, podemos citar:

- a) Dinâmicas de grupo que facilitem a fala dos jovens sobre eles próprios e sua relação com a escola.
- b) Projeção de fotos, filmes ou vídeos que tenham alguma afinidade com o tema trabalhado na oficina.
- c) Levantamento de notícias e acontecimentos sociais, dentro e fora da escola, que sejam do interesse dos jovens.

d) Realização de fotografias pelos jovens, visando a uma forma lúdica de expressão deles próprios.

e) Composição de jornal, fanzine ou *blog* a partir das fotos e das notícias levantadas.

f) Reflexão em grupo sobre os resultados das atividades realizadas.

Estas atividades foram adaptadas para cada encontro em cada oficina realizada, de acordo com o andamento do trabalho específico do grupo. Dessa forma, nem todas as atividades descritas acima foram realizadas em todas as oficinas. Descreveremos a seguir o andamento da primeira oficina realizada no âmbito do projeto *Imagem e Ação*.

### **ENTRANDO EM CAMPO: APRESENTAÇÃO DA PRIMEIRA OFICINA**

Cabe marcar, inicialmente, as dificuldades da entrada no campo, reveladoras da instabilidade e do (des)ordenamento peculiar à escola. Dificuldades que envolveram desde a possibilidade de encontrar o diretor ou a professora responsável pela turma com a qual trabalhávamos, até a utilização dos espaços físicos (sala de aula, laboratório de informática), cujas chaves deveriam ser aguardadas por longos períodos.

A primeira oficina, realizada no primeiro semestre de 2009, foi oferecida semanalmente, com duração de aproximadamente uma hora, totalizando 12 encontros realizados. A turma com a qual trabalhamos era composta por 30 alunos aproximadamente, em sua maioria meninos, já que sua composição se alterava um pouco de um encontro a outro, pois sempre havia alguns ausentes. Utilizamos a fotografia como um recurso de trabalho central, que estabeleceu a mediação entre os jovens e as coordenadoras do grupo. A produção fotográfica deles foi explorada no sentido de possibilitar a expressão e a interlocução dentro do grupo.

No primeiro encontro, fizemos uma dinâmica de grupo em que cada aluno se apresentava e escolhia um colega para fotografar. Assim pudemos ir conhecendo o grupo e as relações que os alunos estabeleciam entre si. Nos encontros subsequentes, procuramos estimular a construção de alguma produção coletiva também através da fotografia, que poderia ser tanto um jornal, um fanzine ou um *blog* da turma. Para isso, inicialmente apresentamos algumas imagens fotográficas de escolas encontradas na internet para analisarmos juntos. A partir daí, tentamos levantar com eles acontecimentos e situações,

dentro da escola, que poderiam ser documentados. Entretanto, o movimento de fazer um planejamento não foi muito adiante; os jovens responderam melhor colocando nossa proposta diretamente em ação.

Durante a realização dos encontros e após (em acordo com a professora), uma máquina fotográfica digital foi disponibilizada para que os jovens tirassem fotos a partir das propostas acordadas nos encontros. Tiraram fotos deles mesmos, geralmente em grupos, de meninos e meninas, ou em casal. Em algumas fotos posaram ao lado da professora, de uma diretora e de um inspetor, que é responsável pela disciplina e pelos horários nos corredores da escola. O material fotográfico produzido foi utilizado para reflexões sobre o processo e o conteúdo das fotos, buscando-se explorar o tema da relação do jovem com a escola. Um dos pontos que destacamos foi o das escolhas feitas por eles para a realização dessas fotos (em grupo ou individuais; os locais fotografados; as pessoas eleitas para aparecerem nas fotos, etc.). Dessa forma, procuramos conversar com o grupo sobre o modo como eles se viam, como se viam na escola e como imaginam a importância da escola nas suas vidas.

Os jovens participantes dessa turma “Autonomia” gostaram de se fotografar em pequenos grupos ou em companhia do sexo oposto. Escolheram se fotografar com pessoas que eram da escola e exerciam uma influência positiva sobre eles. Um olhar sobre os meninos da turma nos revelou alguns fragmentos da realidade em que estão inseridos. O uso do boné, da bermuda, a mochila nas costas, o jeito meio “jogado” de sentar e de falar, estavam presentes desde o mais desembaraçado ao mais inibido do grupo. Entre as meninas, a roupa bem curta, as blusinhas justas, os cabelos e os braços cheios de enfeites coloridos, em sua grande maioria rosa. Estabelecendo ligações, garantindo uma transmissão de sentido, uma busca, uma mensagem, uma energia; a imagem serve de junção, de ligação de emoções; para existir pelo olhar do outro e compartilhar experiências, entre as quais se situou a experiência com a escola.

Foram utilizados vários recursos para facilitar a expressão dos jovens, como a possibilidade de colocar textos, legendas e falas nas fotos. Em um encontro posterior à primeira visualização das fotos produzidas por eles na tela do computador, levamos as fotos impressas para a sala. Nesse dia, vários alunos que não tinham participado da dinâmica inicial quiseram se incluir. Também quando entregamos as fotos na sala, propusemos uma dinâmica de colocar balões nas fotos com algumas falas. Eles demonstraram imensa dificuldade em realizar tal tarefa, pareciam temer falar algo impróprio ou errado. Um dos alunos

perguntou se poderia deixar o balãozinho em branco. Quando, finalmente, um dos subgrupos conseguiu escrever uma fala, imediatamente surgiram outras várias falas com sentidos muito próximos:

*“Eles parecem uns anjinhos, mas na verdade são uns capetas.”* (fala atribuída ao inspetor)

*“Eles têm cara de santinhos, mas de santinhos não têm nada.”* (fala de um aluno se referindo a outros)

*“Será que esses três tomaram jeito? Ou é só uma ilusão?”* (fala atribuída à professora)

Nessas falas, pudemos perceber claramente uma reprodução do discurso estigmatizante sobre eles, mesmo quando pronunciadas por eles próprios. A dificuldade em falar algo por si próprio, que não fosse repetir a fala dos mestres sobre eles, foi expressa claramente no balão em branco sugerido pelo aluno. Será que o tom de ironia presente nas falas já garante uma autoria a elas, para além da repetição?

Assim, ao longo dos encontros com os alunos da turma “Autonomia”, algumas questões de análise emergiram: a importância dos laços sociais entre os jovens dentro da escola; a alienação dos jovens ao lugar estigmatizante que é atribuído a eles na instituição escolar; a ambiguidade de suas expectativas e de seus interesses diante do que lhes é oferecido pela escola (e, por equivalência, pela oficina); os impasses institucionais e subjetivos que se colocam na relação do jovem com a escola.

Já nos primeiros contatos com os jovens, eles nos contaram que tinham uma “fama” na escola por serem a turma dos repetentes: são chamados de “burros” (por outros alunos), “demônios”, “pestes” (pelos inspetores, por alguns professores), “mal-educados” (por um funcionário). De fato, pudemos presenciar uma situação em que esse tratamento foi dado a eles: durante uma atividade desenvolvida no laboratório de informática, em que toda turma estava motivada para o trabalho, o funcionário responsável pelo espaço cortou a rede e interrompeu a tarefa, numa atitude claramente ofensiva e agressiva em relação aos alunos que, segundo ele, eram “mal-educados”.

Da parte dos jovens, havia uma atitude predominantemente opositiva à escola, com algumas ressalvas no que dizia respeito à relação com a professora – afetiva com eles, mas não permissiva, com acordos constantes. Algumas falas dos alunos a esse respeito são interessantes:

*“Essa turma é boa, mas a escola não é.”*

*“Gosto da escola só não gosto de estudar.”*

*“Todo dia penso em parar a escola, mas aí penso que minha mãe vai encher o saco...”*

*“Não posso ir para outra escola porque não posso mesmo.”*

Com isso, somos convidados a pensar em algumas questões que essa relação entre o jovem e a escola nos apresenta: como encontrar uma possibilidade de falar e ser ouvido de uma maneira diferente dos estigmas e preconceitos? Como sair desse lugar de resistência à produção na escola que, no final das contas resulta numa perda para eles próprios? Como diz um aluno em um momento em que tentamos incentivá-lo a participar do trabalho feito por nós: *“Trabalhar pra quê? Não ganho nada aqui!!!”*.

A dificuldade que encontravam em se engajar no trabalho proposto por nós (pediam para sair, beber água, perguntavam se já acabou) mostra como nós, professoras da universidade, também somos capturadas pela mesma relação de oposição e resistência que estabelecem com a escola. A frase destacada logo acima, expressão de um desacordo com a escola, pode ser pensada como uma resposta ao lugar estigmatizado e ao olhar preconceituoso a que esses jovens são expostos no interior mesmo da instituição escolar. Nas atividades, ficava sempre muito evidente a dificuldade de produzirem um discurso próprio, conosco e entre eles próprios. Parece-nos que, ao tentar fugir de uma anulação de si, se consentirem em atender às demandas feitas a eles pela escola que os desacredita, caem na impossibilidade de falar, por si próprios, algo que não seja através do negativismo, o que acaba por reafirmar os estigmas e os preconceitos depositados neles pela escola.

Ao final deste trabalho, ficaram para nós ainda muitas questões, que nos têm feito prosseguir: Será que estes jovens nos dizem que “entre os muros da escola” não há lugar para os diferentes sujeitos que ali se encontram, com suas trajetórias e narrativas singulares? Que laços puderam ser estabelecidos conosco a partir da perspectiva desses meninos? O fato de eles trazerem suas máquinas fotográficas nos dias marcados para o nosso encontro, sem que nenhuma demanda nossa tenha sido feita, parece apontar para alguma tênue ligação conosco. Por outro lado, quando uma jovem diz “quero tirar uma foto minha com a minha máquina”, estará revelando uma busca por um novo olhar, talvez mais próprio, sobre si?

No momento final da oficina, propusemos à turma a criação de um *photolog* na internet, de modo que pudéssemos desencadear a criação de um espaço de trocas entre eles através da utilização de uma tecnologia que se mostrou atraente para eles: a internet. Nessa etapa, fizemos dois encontros no laboratório de informática da escola, o que despertou grande expectativa na turma, que nunca havia utilizado esse espaço. Enfim, a realização desta primeira oficina consistiu numa experiência-piloto que tem servido como fonte de reflexão e reavaliação para a continuidade do projeto.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste percurso, um ponto que gostaríamos de destacar diz respeito à ausência, ou uma presença pouco marcante, de um discurso verbalizado sobre as dificuldades vivenciadas por eles mesmos na escola. Tal observação nos levou a pensar que essa dificuldade revelaria algo de fundamental nos impasses próprios à inserção escolar vivida pelos jovens. Para nós, pesquisadoras, a ausência de um discurso próprio foi interpretada, em um primeiro momento, como uma dificuldade dos jovens para exprimir-se, para falar de si, do lugar que ocupavam ali. Se acreditamos, fundamentadas pela psicanálise, que o sujeito se constitui sempre numa tensão entre a alienação e a separação do Outro, seja ele parental, institucional ou cultural, nossa experiência na oficina apresentada aqui nos leva a supor que, para esses jovens, é difícil encontrar uma brecha para existir e desejar, distanciando-se da posição alienante em que a instituição educativa os coloca. Mais especificamente, pensamos que o projeto *Autonomia*, ironicamente, não deixa de produzir alienação.

No entanto, também pensamos que os jovens talvez pudessem estar expressando através de suas fotografias outros sentidos que não conseguíamos compreender naquele instante, captadas nós também pelo modelo escolar e tradicional de que verbalizar é a única forma de exprimir-se. Os jovens, desde o início, participaram das fotos de diversas maneiras, inicialmente de forma mais tímida, depois aumentando os grupos, expandindo-se e fotografando diferentes espaços da escola, com diferentes profissionais da instituição. Talvez nos escapasse a obviedade da resistência dos jovens, fugindo ao lugar comum da verbalização, quando, após as atividades de fotografia, tendíamos, nós também, a voltar ao modelo praticado na convencionalidade da escola. A “recusa”, a transgressão através da negação pode conter uma mensagem, um recado: manifestavam um “não” queremos falar,

desse jeito não nos interessa! Por outro lado, eles, de fato, puderam mostrar seus interesses, suas escolhas e insatisfações através das próprias imagens, seja posando junto aos amigos, fazendo brincadeiras ou registrando nas suas fotos os portões e as grades da escola.

Constatar esses resultados nos fez pensar que aquilo que utilizávamos como uma estratégia – produzir fotografias e imagens para nos integrarmos aos jovens e poder dialogar com eles sobre seus pensamentos, sobre as dificuldades, etc. – ganhou um primeiro plano e se tornou a principal linguagem, o principal modo de expressão. As fotos estavam ali, feitas por eles com liberdade e nos mostravam o que lhes interessava na escola, de quem gostavam, o que fazia sentido e diferença para eles. Construíram-se sentidos! Suas imagens e atos nos apontaram possíveis caminhos para novas iniciativas. Caberia a nós agora compreender esta constatação, explorar as estratégias de sensibilização para a fotografia e sua utilização enquanto uma produção capaz de revelar sentidos, de revelar o olhar do fotógrafo-autor sobre o contexto. Recorrendo a experiências semelhantes no campo da pesquisa-intervenção institucional (MARASCHIN, 2004; MAURENTE, 2010), pudemos reafirmar que tal dispositivo, a produção de imagens, contém em si possibilidades de sustentar exercícios de autoria que levam à produção de diferenças em uma rede de sentidos e relações estabelecidas.

Enfim, entendendo que a educação comporta a apropriação e a criação, e não somente a reprodução, fica aqui, mais uma vez, o questionamento sobre o quanto a lógica da instituição educativa muitas vezes emperra, mais do que favorece, esse processo. Fica também uma constatação de que é possível ampliar caminhos de comunicação e compreensão dos jovens, bem como de nosso próprio trabalho na instituição escolar.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo, SP: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. 447 p.

AMARAL, Mônica. Culturas juvenis X cultura escolar: repensando as noções de (in)disciplina e autoridade no âmbito da educação. In: COLÓQUIO DO LEPSI: PSICANÁLISE, EDUCAÇÃO E TRANSMISSÃO, 6., 2006. **Anais...** São Paulo, SP: USP/FE, 2006. Disponível em: <<http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/laboratorios/lepsi/coliquios>>. Acesso em: 10 set. 2009.

CASTRO, Lucia Rabello de. et al. **Mostrando a real**: um retrato da juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: Nau; Faperj, 2005. 143 p.

CASTRO, Lucia Rabello de; BESSET, Vera Lopes. (Org.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro, RJ: Trarepa; FAPERJ, 2008. 663 p.

COSTA, C. **Educação, imagens e mídias**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2005. 198 p.

COUTINHO, Luciana Gageiro. **Adolescência e errância**: destinos do laço social no contemporâneo. Rio de Janeiro: Nau, 2009a. 255 p.

COUTINHO, Luciana Gageiro. Adolescência, cultura contemporânea e educação. **Estilos da Clínica**, v. 24, n. 27, p. 134-149, 2009b.

FREUD, Sigmund. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1974b. p. 281-284. (Edição *Standard Brasileira*; v. 13).

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do ego. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976. p. 89-179. (Edição *Standard Brasileira*; v. 18).

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1974a. p. 13-191. (Edição *Standard Brasileira*; v. 13).

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. **Censo de Educação Básica**: 2011: resumo técnico. Brasília: INEP, 2012. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/resumos\\_tecnicos/resumo\\_tecnico\\_censo\\_educacao\\_basica\\_2011.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2011.pdf)>. Acesso em: 20 de abr. 2012.

LACAN, Jacques. El estadio del espejo como formador del yo (je) tal como se nos revela en la experiencia psicanalítica. In: \_\_\_\_\_. **Escritos I**. México: Siglo Veintiuno, 1994.

LEHMANN, Lucia M. S. et al. Estetização do corpo: identificação e pertencimento na contemporaneidade. In: CASTRO, Lucia Rabello de. **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro, RJ: Nau, 1998. p.125-140.

LEHMANN, Lucia M. S.; MEDEIROS, Sandra Albenaz; PINHEIRO, Diógenes. Linguagens, espaços e práticas: outras formas de falar de juventude. In: GOUVÊA, Guacira. et al. **Pesquisas em educação**. Rio de Janeiro, RJ: 7 Letras, 2007. p. 98-107.

MAURENTE, Vanessa Soares. **Imagens do hospício vazio**: fotografia, pesquisa e intervenção. 2010. 216p. Tese (Programa de Pós Graduação em Informática na Educação). Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000737742&loc=2010&l=6d7292a21f2b21a1>>. Acesso em: 4 maio 2012.

MARASCHIN, Cleci. Pesquisar e intervir. **Psicologia & Sociedade**, v. 1, n. 16, p. 98-107; 2004.

NOVAES, Regina. Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho. (Org.) **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo, SP: Cortez, 2003. p. 115-134.

PRETTO, Nelson; PINTO, Cláudio da Costa. Tecnologias e novas educações. **Revista Brasileira de Educação**, v.11, n. 31, jan./abr., p. 19-30, 2006.

SPOSITO, Marília Pontes; PERALVA, Angelina Teixeira. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. Entrevista com François Dubet. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5/6, p. 222-231, 1997.

### **Como citar este artigo:**

COUTINHO, Luciana; LEHMANN Lucia de Mello e Souza. Produção de imagens e construção de sentidos: uma oficina com jovens na escola. **ETD – Educ. temat. digit.**, Campinas, SP, v.14, n.2, p.202-219, jul./dez. 2012. ISSN 1676-2592.